nor. Segundo a Cooperativa Mista Agropecuária do Vale do Araguaia (Comiva), há muita inadimplência entre os produtores, e o Banco do Brasil não está liberando crédito para os projetos. A própria Cepa de Goiás não tem um prognóstico seguro quanto à redução ou não na área de plantio.

As primeiras estimativas de área e produção divulgadas pela Conab em meados de outubro confirmam as previsões de quedas captadas junto às lideranças do setor arrozeiro. De acordo com as pesquisas realizadas pela instituição nas principais zonas produtoras, a safra nacional de arroz poderá ser reduzida de 2,4 e 8,5% em relação à safra passada, que alcançou 11,2 milhões de toneladas.

ELIANA CONDE BARROSO LEITE VIGLIO

FEIJÃO

Pequena retração de área

O atraso nas chuvas retardou o plantio da safra das águas 1994/95 e deverá provocar algum impacto na produção. A Conab estimou preliminarmente que as perdas deverão se situar entre 3,6 e 10% da safra anterior.

A comercialização, em 1995, foi considerada má pelos produtores rurais. Os preços mantiveram-se reprimidos ao longo do ano, tanto em função de uma oferta folgada como pela retração do consumo no varejo.

O consumo de feijão estará de fato se retraindo, conforme apontam empresas do setor de alimentação. Segundo a Associação dos Supermercados do Rio de Janeiro (Asserj), no período de janeiro a setembro de 1995, as vendas do produto declinaram 10,9% em relação a igual período de 1994, no estado do Rio de Janeiro. Os empresários consideram que houve substituição de produtos como arroz, feijão e farinha por frangos, ovos, queijos, embutidos, frutas e legumes. Esta tendência já havia sido registrada antes pela Associação Brasileira das Indústrias de Alimentação (Abia).

O quadro de comercialização negativo para o produtor rural em 1995 deveria constituir, numa primeira análise, fator de inibição ao plantio da safra das águas 1995/96. Conforme se verá mais adiante, isto não se sucedeu nas principais regiões produtoras da safra das águas. Plantada intensamente na região Sul (cerca de 50% da oferta), a safra das águas era tradicionalmente a mais importante (hoje há uma tendência de aproximar os resultados da primeira e da segunda safras), e dela sai praticamente a maior parte do feijão preto que irá abastecer o estado do Rio de Janeiro, principal consumidor desta variedade.

Reconhecendo que o mercado desfavorável poderia comprometer a oferta futura do produto, o governo adotou medidas de incentivo, a fim de reverter ou atenuar a expectativa de redução no plantio. Aprovou um preço mínimo de R$24/saca 60kg, o que representa um acréscimo de 6,7% em relação ao preço anterior vigente. Este preço mínimo, no entanto, é quase equivalente ao custo variável de produção levantado pela própria Conab, para lavouras com produtividades em torno de 800kg/ha. Na realidade, o preço mínimo é, para o pequeno produtor de feijão, apenas um balizador do mercado, dado que o acesso da maioria destes produtores aos empréstimos de estocagem é muito restrito. Assim, o preço mínimo torna-se muito mais uma referência de preços por ocasião da entrega do seu produto ao atravessador do que propriamente um instrumento da política oficial. Continua, contudo, a representar um estímulo positivo para o produtor.

Outra importante medida é a concessão do crédito de custeio num montante de até R$30 mil para cada projeto, com equivalência produto. A Conab estima que a cultura ficará quase que totalmente amparada, uma vez que este limite permite o cultivo de uma área equivalente a 120ha, o que abrangeria cerca de 90% dos produtores de feijão. Haverá também retorno da alíquota de importação para 10% a partir de 1º de dezembro deste ano.

Produtores insistem no plantio

No Paraná, principal estado produtor do feijão das águas, o plantio atrasou em função da estiagem, mas as últimas estimativas do Deral apontam para uma redução de apenas 5,8% na área cultivada em relação aos prognósticos iniciais, que esperavam uma área plantada em torno de 568 mil hectares, média tradicional no estado. As chuvas que chegaram em meados de

Estoques iniciais elevados

Brasil — feijão — quadro de suprimento
1994/95 — 1995/96 (em 1.000t)

Itens	Safra 1994/95			Safra 1995/96		
	Cores	Preto	Total	Cores	Preto	Total
Estoque inicial	280,4	119,6	400,0	324,1	85,3	409,4
Produção	2.701,5	467,9	3.169,4	2.440,0	475,5	2.915,5
1ª safra	654,7	352,6	1.007,3	700,0	370,0	1.070,0
2ª safra	1.754,8	112,0	1.866,8	1.390,0	105,0	1.495,0
3ª safra	292,0	3,3	295,3	350,0	0,5	350,0
Importação	40,0	90,0	130,0	40,0	90,0	130,0
Suprimento	3.021,9	677,5	3.699,4	2.804,1	650,8	3.454,9
Consumo	2.697,8	592,2	3.290,0	2.624,0	576,0	3.200,0
Estoque final	324,1	85,3	409,4	180,0	74,8	254,9

Fonte: Conab.
Obs.: Este quadro de suprimento é o último disponível e não incorpora recente levantamento de safra feito pela instituição. A primeira safra de 1995/96 está atualmente estimada entre 1.038,2 e 1.105,5 mil toneladas.

setembro, no entanto, permitiram a instalação da maior parte das lavouras, refletindo, ao contrário do que se poderia esperar, uma boa disposição dos agricultores a optar pelo feijão. Segundo o Deral, se o clima tivesse sido mais favorável, a redução de área teria sido ainda menor. Os produtores, então, não estariam reagindo de forma negativa a uma comercialização anterior considerada má, o que pode ser explicado em parte pelas poucas opções que se oferecem agora ao produtor. Como o mercado do milho também teve em 1995 um fraco desempenho, é pouco provável que o produtor opte por esta lavoura. Além disso, o preço mínimo, de um modo geral, foi bem-recebido entre os produtores.

É esperado também um aumento na proporção da área cultivada com o feijão preto no Paraná. Normalmente, as duas variedades apresentam proporções semelhantes na área ocupada, mas o mercado do feijão preto mostrou maior desenvoltura em 1995, o que representa um estímulo positivo à sua intenção de plantio. Há uma perspectiva de suprimento apertado do feijão preto no ano comercial 1995/96, com previsão de importação de cerca de 90 mil toneladas.

Em Santa Catarina, segundo maior produtor da safra das águas, a estiagem também atrasou o plantio. Em meados de outubro, quando cerca de 80% da área já deveria estar plantada, apenas 20% se encontrava com a cultura instalada. De acordo com a Cepa de Santa Catarina, a situação está bastante indefinida, com uma leve tendência de substituição de feijão por soja. A princípio, a expectativa da instituição é de que se repita a área colhida no ano passado, ou seja, em torno de 250 mil hectares. O preço mínimo de R$24/saca 60kg também foi bem-recebido e, à semelhança do que ocorre no Paraná, os preços desestimulantes deste ano não desanimaram os produtores que, em sua maior parte, deverão apostar mais uma vez no feijão.

Em São Paulo, o quadro se repete. O plantio atrasou 45 dias, e os produtores temem que a colheita das lavouras plantadas em outubro coincida com as chuvas de janeiro, o que é muito prejudicial. Ao mesmo tempo, entretanto, há uma forte intenção de plantio no estado, uma vez que os produtores acham que a próxima comercialização será muito melhor, já que a oferta deverá ser menor. Os produtores paulistas também enfrentam dificuldades com crédito, devido ao alto grau de endividamento. De acordo com a Conab de São Paulo, o índice de inadimplência está em torno de 10%, quando o ideal seria em torno de 2%. Os produtores paulistas alcançam um bom grau de tecnificação e costumam ser tomadores de crédito. A decisão do governo em securitizar a dívida, portanto, deverá ter um efeito positivo no estado. Por ora, a Conab de São Paulo estima uma redução provável na área de cultivo entre 4 e 8%. Como a área da safra passada já tinha sido reduzida 28% em relação à safra anterior, esta seria a segunda queda consecutiva de área cultivada no estado.

Em relação à primeira safra nacional de 1995/96, a última estimativa da Conab aponta um crescimento de produção entre 3,1 e 9,7%.

ELIANA CONDE BARROSO LEITE VIGLIO